

6. Considerações finais

A fala rompe os seus contratos a partir do momento em que nos colocamos à disposição de quebrar os silêncios impostos. Quebrar esse silêncio no universo das mulheres, das negras, das lésbicas e congregar num só sujeito seu gênero, sua cor e sua orientação sexual implicada em estigmas e preconceitos, foram e são desafios diários de todas nós mulheres constituintes deste mosaico de diversidade e complexidade que somos.

Ousamos em nosso objeto de pesquisa trazer o sujeito mulher negra lésbica. Sujeito esse em construção. Corremos o risco de olhar esse sujeito a partir de suas especificidades e dessa forma fortalecermos o abismo das diferenciações e da “crise de identidade” questionada por Hall (2006). A fragmentação das identidades desconstruiu a nossa visão de sujeito unificado, mas por outro lado a riqueza da diversidade nos revelou o que a “igualdade” encobria. A oportunidade de perceber o que se constituía socialmente a partir das diferenças proporcionou em várias áreas de conhecimento, pesquisas importantes e intervenções políticas, sociais e culturais.

A pesquisa teve um caráter desafiador, tanto para a pesquisadora, quanto para as pessoas que estiveram presentes durante todo o processo de concepção. O primeiro desafio foi mexer nesse universo íntimo e particular das entrevistadas. Em seguida, as questões raciais que se estampavam no cotidiano sem máscaras como bem lembra Azaracá:

... num restaurante a conta sempre é entregue a mim pelo fato da cor de minha pele ser mais clara que de minha companheira e na verdade quem ganha mais é ela, quem estudou mais é ela (Azaracá, 25/10/2010).

E, por fim, dialogar com a interseccionalidade, com as questões trazidas por essas mulheres, ouvindo e acolhendo suas histórias sem desdobrá-las para um caráter de vitimização que impedisse o olhar do processo de autonomia e empoderamento construído no dia a dia.

Nesta perspectiva, obtivemos alguns ‘achados’ importantes através da fala das entrevistadas que certamente não se esgotam e estão sujeitas a novas reflexões e análises sobre as mesmas. As identidades aqui trabalhadas nos levaram a dialogar com questões as quais não eram nosso objetivo, no entanto,

elas se fizeram tão presentes e significativas, que ignorá-las seria perder a oportunidade de entender outras tramas que se apresentam sutilmente.

Apesar de trazermos duas questões que se colocam hoje como desafiadoras para profissionais do serviço social e sociedade como todo, o racismo e a violência contra homossexuais – neste caso, a lesbofobia – se apresentam de maneiras e impactos diferenciados. Não queremos dizer que há uma sobreposição de um em relação ao outro, porém ficou percebido através dos depoimentos das entrevistadas que o fato da cor da pele se constituir em algo que não é possível “disfarçar” faz com que o racismo apresente outros desdobramentos, tornando-se mais agressivo.

Sobre essa questão, pudemos perceber essas tramas, a partir dos significados da estética na representação social do cabelo. No caso das mulheres, independente da sua orientação sexual, as possibilidades de inserção nos espaços sociais e nos relacionamentos são mais bem-vindas à medida que as características se aproximam do “ser branca” ou “quase branca”. A trama do racismo implicada na estética e no jogo das relações raciais brasileiras, a textura do cabelo é um indicador do pertencimento etnorracial e da díade “exclusão/inclusão”.

Outro aspecto interessante a ser percebido foi o diálogo com a prática religiosa. Essa questão também não era do eixo ao qual pretendíamos abordar, mas o fato de ser algo presente nas entrevistadas despertou em nós o interesse. Entender se dentro das religiões de matrizes africanas, a diferenciação do gênero e da orientação sexual se colocavam como na lógica da sociedade. Nosso olhar não foi muito aprofundado em leituras e pesquisas que abordem a temática da mulher lésbica dentro desses cultos, mas percebemos que a posição delas também se destina à invisibilidade. Para nós soou como uma contradição, uma vez que é do conhecimento social que nessas religiões, o número de homossexuais é bem significativo por diversas razões. Refletimos que em todas (ou quase todas) as religiões dentro da sociedade brasileira, a presença da mulher é o grande sustentáculo nas atividades e a partir daí surgiu o nosso questionamento: Porque dentro desses cultos afros, a mulher lésbica também se encontra na invisibilidade?

No que diz respeito à lesbofobia, observamos que ela acontece de forma diferenciada. Isso significa dizer que o corpo e as performances corporais delimitarão as “proteções” e as “vulnerabilidades” vivenciadas pelas mulheres. Sejam mulheres negras ou brancas, a violência ocorre. No caso das negras, a

punição racial. Nas entrelinhas dessa lógica perversa, subentende-se que a exposição da identidade está sujeita as ocorrências e é uma “escolha” e/ou “um pedido” à violência.

Uma outra batalha, que muitas vezes se esconde entre os silêncios e “silenciamentos” que envolvem o universo das mulheres lésbicas, é a questão de políticas públicas, a citar, educação, direitos sexuais e reprodutivos, mercado de trabalho e saúde, que vêm consolidando a pauta política das lésbicas dentro do movimento.

O debate em torno da homossexualidade hoje pelo movimento entra ‘pelas portas’ do direito e da cidadania. O que antes era uma busca pelo direito de ser, nesse momento homossexuais femininos e masculinos querem participar igualmente da sociedade não em lugares de exclusão ou subinclusão. A lógica da “inclusão precária” é uma grande “cilada” que vem sendo colocada com bases nos discursos de cidadania:

... essa lógica desumana em determinar locais específicos para grupos sociais tem colocado a sociedade como um lugar delimitado, onde alguns poucos podem transitar livremente nos espaços que assim desejarem e ter acessos e direitos instituídos, enquanto outros são postos à margem da dignidade humana (Marcelino, 2010, p.10).

Para nós, a discussão aqui apresentada teve como um dos objetivos trazer ao conhecimento público, os “bastidores” do universo da mulher lésbica. Chamamos de bastidores porque esse universo está realmente escondido e nem sequer chega ao nosso conhecimento as implicações psicológicas, físicas, mentais e emocionais que a lesbofobia e o racismo juntos ou separadamente promovem. Nosso foco era destacar assim, as demandas e questões sociais vivenciadas pelas mulheres lésbicas e o recorte racial presente nelas. Esse caminho traçado foi uma estratégia de colocar tais demandas numa diálogo próximo com o Serviço Social, visto que, essas questões não estão fora do universo de nossas práticas e intervenções. “A profissão precisa de forma crescente reconhecer a diversidade sociocultural da população demandatária de seus serviços” (Almeida, 2008, p. 167).

Queremos convidar o Serviço Social a um debate para além dos temas já construídos como base de nossas intervenções. Racismo, intolerância, violências múltiplas de ordem (homo) sexuais fazem parte da dinâmica da relação capital-trabalho, das relações familiares, das políticas de assistência entre outras vertentes tão familiares aos nossos discursos.

Uma das condições fundantes para se garantir a adequação da formação profissional à dinâmica de nosso tempo, é implodir uma **visão endógena do Serviço Social e da vida universitária**, prisioneira em seus “muros internos”. **Alargar os horizontes voltados para a história da sociedade brasileira nos quadros do novo reordenamento mundial para aí melhor apreender as particularidades profissionais em suas múltiplas relações e determinações, densas de conteúdo histórico.** Esse “salto para fora” dos limites profissionais e da vida universitária não significa a diluição das condições e relações **específicas** nas quais se molda a formação profissional; ao contrário, é mediação **necessária** para que ela possa adquirir inteligibilidade nos quadros do processo da vida social contemporânea, como totalidade social (Iamamoto, 2006, p. 170). [Grifos da autora].

No decorrer da pesquisa muitos questionamentos se fizeram presente e seria de grande relevância problematizá-los. A prática e a formação profissional são temas que precisam ser visitadas e revisitadas cotidianamente. Nos perguntamos porque o Código de Ética avança a partir de novas demandas, mas a formação continua conservadora e desprezando os “temas ocultos”? Como nossa prática profissional pode atender as múltiplas e complexas intersecções (gênero, raça, classe, sexualidade...), tendo em vista estruturas normativas e generalizadas na sociedade?

As conclusões às quais chegamos apresentam uma realidade de mulheres negras lésbicas que conseguiram transformar o que socialmente as “estigmatizavam” em sucesso e superação. Nos subúrbios e nas favelas onde se encontra uma grande concentração da população negra, com baixa escolaridade e situações precárias, o preconceito e a discriminação se configuram também de formas diferenciadas.

Sem dar por encerrada nossas reflexões, os desafios e as estratégias aqui revelados são convites para o rompimento do silêncio das “maiorias silenciadas”.